

Editorial

Jorge Penedo

Editor Chefe da Revista Portuguesa de Cirurgia

O burnout e os cirurgiões

Burnout and surgeons

A chamada Síndrome de *Burnout* surge na literatura científica na década de 70 do século passado tendo os EUA como seu ponto de origem (Herbert Freudenberger – 1974).

A sua definição mais assumida é a formulada em 2001 por Maslach e associa um esgotamento psico-social associado a uma marcada frustração com o trabalho.

Desde há alguns anos que esta Síndrome ganhou foros de cidadania na sociedade portuguesa onde se inclui a classe médica em geral e a cirúrgica em particular. Uma realidade mais marcada nos últimos anos. Anos de crise financeira grave em que toda uma sociedade se encontrava amargurada e algo “perdida”.

A relevância mediática e social deste tema associada à sua relevância clínica levou mesmo a Ordem dos Médicos a lançar um estudo nacional sobre o *Burnout* na classe médica. E tão relevante deve ser o tema que, para além deste inquérito nacional, a Secção Regional do Centro da mesma Ordem lançou um outro inquérito.

Porquê falar aqui deste tema?

Porque estamos a cair num perigoso delírio esquizofrénico.

A continuar o atual cenário que tem vindo a desenvolver-se, muito em breve chegaremos à conclusão que todos nós estamos em *burnout*.

A coincidência entre *burnout* e o stress inerente à nossa profissão tem vindo a assumir uma perigosa confusão.

Todos nós estamos em stress cada vez que operamos um doente. Um stress positivo que nos faz vibrar perante o combate com a doença que vamos personalizar.

Todos nós estamos em *stress* cada vez que surge uma complicação com um dos nossos doentes. Um stress resultante da vertente humanista da nossa atuação e da nossa imensa preocupação com os nossos doentes.

Todos nós estamos em *stress* quando fazemos 24 horas de urgência. Um stress que decorre de uma tradição de anos de que as urgências cirúrgicas são feitas em períodos de 24h.



Todos nós estamos em *stress* quando não nos é possível contar com as condições ideais para o exercício da nossa atividade. Mas todos entendemos que não há soluções mágicas. Seja no setor público ou no privado.

Todos nós estamos em *stress* quando vemos a nossa lista de espera aumentar e não podemos operar por falta de anestesistas ou por falta de enfermeiros. Mas há que perceber que estes problemas terão que ter novas soluções a curto e médio prazo.

Todos nós estamos em *stress* quando utilizamos uma técnica pela primeira vez ou usamos um novo dispositivo que não conhecemos tão bem. Um *stress* positivo porque decorre do preço que pagamos por queremos permanentemente sair da nossa zona de conforto.

Todos nós estamos em *stress* por muitos outros motivos. Stresses associados à nossa profissão. Uma profissão que amamos. Uma profissão que tem dias melhores e dias piores. Tal como a vida em geral.

Querer confundir esse *stress* com *burnout* é um caminho perigoso. Um caminho que no limite pode levar a que os números sejam tão elevados que se pode questionar o estado de saúde dos médicos. Um caminho que pode levar mesmo a que haja uma perda de confiança dos nossos doentes.

Claro que existe *burnout* na nossa profissão. Como existem diabetes, tumores ou hipertensão. Mas não queiramos que, à viva força, toda uma classe esteja em *burnout* como forma de solicitar mais direitos ou mais condições.

Há carências, problemas de financiamento, desacertos organizativos, parcos ordenados e uma sociedade que toda ela tem motivos para se lamentar. Há novos problemas para os quais ainda não encontramos as melhores soluções

Tudo isso devemos combater e encontrar novas soluções. Enquanto cidadãos activos e participativos e enquanto profissionais que se querem parte de uma elite responsável por fazer mudar Portugal.

Sem que seja necessário adoecer a classe.

Por mim, prefiro estar saudável mental e fisicamente,

Jorge Penedo

Correspondência:

JORGE PENEDO

e-mail: editorchefe@spcir.com



Jorge Penedo